

## **O uso de IA na graduação em Comunicação: esboços de letramento em inteligência artificial a partir de uma experiência pedagógica**

*The Use of AI in Undergraduate Communication Programs: Outlines of an Artificial Intelligence Literacy Based on a Pedagogical Experience*

*El uso de la IA en la formación de grado en Comunicación: esbozos de una alfabetización en liteligencia artificial a partir de una experiencia pedagógica*

Diego de Deus<sup>1</sup>  
Cláudio Magalhães<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo aborda o uso da inteligência artificial na graduação em Comunicação destacando a necessidade do desenvolvimento de práticas de letramento em IA para compreender e criticar essa nova tecnologia. O problema investigado é como estudantes de Comunicação utilizam a IA e qual o impacto na criatividade e autoria na realização de um trabalho acadêmico. A pesquisa é caracterizada como um estudo de caso de natureza exploratória e parte de uma experiência pedagógica que envolveu cerca de 50 alunos, que usaram IA para produzir seminários e trabalhos finais de uma disciplina, após aulas relacionadas a conceitos, uso ético, limitações e impactos sociais da ferramenta. Os resultados indicam, a partir de relatórios e relatos dos próprios estudantes, que o uso de IA aconteceu de forma equilibrada, sendo caracterizada por tarefas como pesquisa e produção de texto e peças publicitárias, mas que preservaram a autoria e o toque pessoal na produção final, além de demonstrarem abertura crítica à tecnologia. A pesquisa contribui para a discussão relacionada ao papel do letramento em IA no ensino superior, principalmente no que se refere à articulação com a formação em Comunicação e o desenvolvimento de habilidades críticas quanto à autoria e criatividade. Além disso, colabora com os debates relacionados à importância de preparar comunicadores para uso consciente e ético da ferramenta e a necessidade de elaborações de diretrizes institucionais para esta finalidade.

**Palavras-chave:** inteligência artificial; letramento em IA; graduação em Comunicação; criatividade; autoria.

**Abstract:** The article analyzed the use of artificial intelligence in undergraduate Communication programs and highlights the need to develop AI literacy practices to understand and critically assess this new technology. The study investigates how Communication students use AI and the impact it has on creativity and authorship in the

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais – [diegodeus.bot@gmail.com](mailto:diegodeus.bot@gmail.com)

<sup>2</sup> Instituto Dânia de Paula – [claudiomagalhaes@uol.com](mailto:claudiomagalhaes@uol.com)

production of an academic assignment. The research is characterized as an exploratory case study grounded in a pedagogical experience involving around 50 students who used AI to produce seminar presentations after attending classes on concepts, ethical use, limitations, and the social impacts of the tool. The results indicate, based on students' own accounts, that AI was used in a balanced manner, mainly for tasks such as research, text production, and the creation of advertising pieces, while still preserving authorship and a personal touch in the final output, as well as demonstrating a critical openness toward the technology. The study contributes to discussions on the role of AI literacy in higher education, particularly in relation to Communication training and the development of critical skills regarding authorship and creativity, and it also adds to debates on the importance of preparing communicators for the conscious and ethical use of the tool and the need for institutional guidelines for this purpose.

**Keywords:** artificial intelligence; AI literacy; undergraduate Communication programs; creativity; authorship.

**Resumen:** El artículo analizó el uso de la inteligencia artificial en la licenciatura en Comunicación y destaca la necesidad de desarrollar prácticas de alfabetización en IA para comprender y criticar esta nueva tecnología. El problema investigado es cómo los estudiantes de Comunicación utilizan la IA y cuál es el impacto en la creatividad y la autoría en la realización de un trabajo académico. La investigación se caracteriza como un estudio de caso de naturaleza exploratoria y parte de una experiencia pedagógica que involucró a cerca de 50 estudiantes que utilizaron IA para producir seminarios, después de clases relacionadas con conceptos, uso ético, limitaciones e impactos sociales de la herramienta. Los resultados indican, a partir de los relatos de los propios estudiantes, que el uso de IA ocurrió de manera equilibrada, caracterizándose por tareas como investigación y producción de textos y piezas publicitarias, pero preservando la autoría y el toque personal en la producción final, además de demostrar una apertura crítica hacia la tecnología. La investigación contribuye a la discusión sobre el papel de la alfabetización en IA en la educación superior, especialmente en lo que se refiere a su articulación con la formación en Comunicación y al desarrollo de habilidades críticas relacionadas con la autoría y la creatividad. Asimismo, colabora con los debates sobre la importancia de preparar comunicadores para el uso consciente y ético de la herramienta y sobre la necesidad de elaborar directrices institucionales con este fin.

**Palabras-clave:** inteligencia artificial; alfabetización en IA; licenciatura en Comunicación; creatividad; autoría.

## 1 INTRODUÇÃO

A inteligência artificial (IA) já não é novidade nas escolas nem no ensino superior. De acordo com o levantamento “Inteligência artificial na educação superior”, realizado pela Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (Abmes), em parceria com a Educa Insights, sete a cada 10 estudantes universitários ou que têm interesse em cursar uma

faculdade, utilizam com frequência ferramentas de IA). A pesquisa revelou, ainda, que as ferramentas de IA generativa (IAG) – aquelas que geram conteúdo (texto, imagem e vídeo) a partir de um comando (*prompt*) são as preferidas do público, principalmente o ChatGPT, da OpenAI, e o Gemini, do Google.

Além disso, 29% dos jovens utilizam da IA nos estudos diariamente e 42% semanalmente. O levantamento foi realizado entre o fim de 2023 e o início de 2024 com 300 estudantes universitários, com idades entre 17 e 50 anos de todas as regiões do Brasil. Os números apontaram um aumento de 11% no conhecimento das ferramentas de IA por parte deste público em relação à mesma pesquisa realizada em 2023; e 18% em relação àqueles que a usam frequentemente na vida acadêmica (Tokarnia, 2024). Entre os principais benefícios apontados pelos estudantes estão: a possibilidade de estudar em qualquer lugar e hora, o acesso a informações variadas em tempo real e melhoria na eficiência na resolução de dúvidas e problemas, com 53%, 50% e 49%, respectivamente.

A mesma pesquisa mostrou ainda que, na visão de 56% dos estudantes, as IAs estão cada vez mais confiáveis para o uso acadêmico. Ademais, 84% acreditam que, futuramente, a inteligência artificial poderá substituir parcialmente a atuação de professores em sala de aula. Porém, tal perspectiva não se mantém no mercado profissional, já que apenas 14% acreditam que eles próprios serão substituídos pela tecnologia e 37% consideram que não haverá substituição. Contudo, esta parcela confia que a IA será um importante instrumento de apoio para a realização de demandas relacionadas à vida profissional. Para finalizar os números, 74% dos respondentes ainda afirmaram ser importante ou muito importante que as instituições de ensino superior implementem ferramentas de IA no ensino ofertado.

Se o sistema de educação formal ainda não encontrou maneiras de incorporar a IA aos alunos e uma parte significativa dos professores, esta ferramenta já parte do cotidiano de ambos. O Brasil, por exemplo, está acima da média global no uso de IAG, com 54% da população, sendo que a média de outros países fica na casa dos 48%, conforme levantamento realizado pelo Google e pela Ipsos – empresa multinacional de pesquisa e consultoria de mercado –, em janeiro de 2025 (Albuquerque, 2025). Os resultados também mostraram que 65% dos brasileiros afirmam que IA é promissora e pode contribuir com diversas áreas da vida, enquanto que a média mundial é de 57% (Albuquerque, 2025). A pesquisa revelou que, para

80% dos entrevistados, a IA é uma força transformadora para a ciência, seguida da medicina (80%), agricultura (74%) e segurança cibernética (67%). Ademais, 64% dos brasileiros afirmaram considerar que os benefícios da inteligência artificial superam os riscos, principalmente, na ciência e na medicina.

Estes são dados sintomáticos evidenciam uma caminhada a passos largos para onde já estão a internet e os *smartphones*, entre outros aparatos tecnológicos, na chamada tecnologia calma, conceito elaborado por Weiser e Brown (1996) no já também longínquo século XX. Trata-se de uma tecnologia que se destaca, inicialmente, na periferia da atenção sensorial – em que os indivíduos estão sintonizados, mas ainda sem entender explicitamente o que ocorre. Contudo, é uma tecnologia que segue para o centro da atenção e se estabelece de tal maneira que se incorpora na vida cotidiana ao ponto de não causar mais qualquer desconforto. Um dia a energia elétrica causou espanto e admiração, mas, hoje, quando qualquer pessoa liga o interruptor de casa, sequer pensa na complexidade necessária para que esta tecnologia fosse alcançada. Mas as descobertas de Tesla e Emerson levaram décadas para atingir esse nível e, ao que parece, a IA não levará nem mesmo uma geração.

E como a Comunicação, enquanto campo de estudo (França *et al.*, 2020), tem pensado em se colocar nessa suposta revolução tecnológica? Mesmo porque para a própria turma dos tecnólogos em IA, a Comunicação – em especial a linguagem – se tornou o divisor de águas em relação às antigas ferramentas. O processo de linguagem natural (PNL) foi fundamental para a popularização das IAs (Taulli, 2020). Ou seja, apenas quando o programador entendeu que uma “conversa” entre pessoas e computadores e suas redes apenas ocorreria de forma mais eficiente se fosse pelos termos que os humanos desenvolvem há milênios, foi quando houve o salto de interação de caráter sociotécnico. Será que, então, os próprios usuários letraram os computadores, dando a eles informações das mais diversas naturezas capazes de fazer com que a máquina conheça os indivíduos mais do que eles próprios?

A Comunicação invadiu um território um tanto árido: o da programação. Mas poderia trazer outras dimensões? Se há uma busca de uma linguagem de IA, se ela notoriamente está na vida das pessoas e nas salas de aula a ponto de os movimentos de sua regulação serem uma pauta cada vez mais prioritária, por exemplo, no Brasil, com o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA) (Brasil, 2024), caberia, então, à academia também propor um

letramento em IAs? Mesmo porque, ao que parece, muito já se foi na direção contrária, mesmo que involuntariamente, haja visto que a PNL foi abastecida pela linguagem humana espalhada pela internet. Melhor, seria o momento de pensar em letramento algoritmo, já que as escolhas das entidades tecnológicas nas quais a sociedade contemporânea está imersa pauta o que as pessoas devem assistir, ouvir, prestar atenção e na própria sociabilidade, no limite, manifestar-se enquanto sujeito?

O cenário que aparece é que, cada vez mais, os seres humanos ensinam as máquinas a se comunicar consigo próprios, em uma lógica sociotécnica sofisticada – o que cria uma comunicação calculada (Han, 2022), na forma matemática, que calcula os padrões em espécies de sinapses. Por outro lado, o ser humano também precisa se desafiar a entender os próprios padrões “cerebrais” destas máquinas, como funcionam seus “neurônios”, ou seja, seus algoritmos. E espera-se o benefício do desenvolvimento intelectual, operativo e social de ambos.

Este trabalho não pretende responder a todas essas questões, mas foi movido por elas. A prática pedagógica e didática aqui descrita se tornou um espaço para pensar a Comunicação e a Educação e, possíveis experimentos com uso de IA e o seu letramento, não só de sua utilização, mas também do seu entendimento e olhar crítico de sua presença na vida social. O objetivo deste artigo é analisar o uso da inteligência artificial na graduação em Comunicação, destacando a necessidade do letramento em IA para compreender e criticar essa nova tecnologia. O problema investigado é como estudantes de 21 anos, dos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo de uma universidade privada de Belo Horizonte (MG), utilizam a IA e qual o impacto dela na criatividade e autoria nestes processos em um trabalho acadêmico. Metodologicamente esta investigação é caracterizada como um estudo de caso de natureza exploratória com base em uma experiência pedagógica.

A investigação traz luz à necessidade de experimentos empíricos que busquem compreender o modo como a IA incide na formação em Comunicação, sobretudo a partir de uma abordagem focada em questões que envolvem autoria e criatividade. Experimentos desta natureza permitem um diagnóstico, embora inserido em um contexto específico (formação de graduandos em Comunicação), que possibilite pensar em práticas de letramento objetivadas a desenvolver um uso crítico e mais saudável desta nova tecnologia no âmbito

social.

## **2 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E LETRAMENTOS**

Apesar da recente discussão, o conceito “inteligência artificial” não é contemporâneo. De acordo Barbosa e Bezerra (2020), o termo existe pelo menos desde 1956, quando aconteceu a Dartmouth Conference, em New Hampshire, nos Estados Unidos. Foi nessa ocasião que o termo inteligência artificial foi registrado como um novo campo do conhecimento que dizia respeito, sobretudo, aos estudos computacionais (Russel; Norving, 2009). Todavia, os esforços para a criação de um sistema capaz de emular o raciocínio humano são datados desde a Segunda Guerra Mundial. Em 1943, por exemplo, o psiquiatra estadunidense Warren McCulloch (1898-1969) e o lógico e cientista Walter Pitts (1923-1969), do mesmo país, publicaram um artigo que tratava das estruturas de raciocínio artificiais por meio de um modelo matemático que imitava o sistema nervoso humano (Barbosa; Bezerra, 2020).

Ainda no contexto bélico, tais estudos serviram como base para o desenvolvimento de canhões antiaéreos capazes de corrigir eventuais desvios de alvos e de precisão no momento do disparo, além da própria criação de computadores durante os conflitos armados à época. Em 1950, o matemático Alan Turing desenvolveu o Teste de Turing, que teve o objetivo de emular a comunicação escrita de um ser humano. A pretensão foi fazer com que pelo menos um terço dos participantes do estudo não desconfiasse que a comunicação que se estabeleceria durante o teste fosse com uma máquina. Para Alan Turing, se isso acontecesse, era possível dar, ao computador, o estatuto de inteligente (Barbosa; Bezerra, 2020).

No mesmo ano, Alan Turing publicou o artigo “Computing Machinery and Intelligence”, no qual aprofundou a noção de “inteligência das máquinas” (Barbosa; Bezerra, 2020). Dessa forma, a emergência atual da IA não diz respeito a um novo fenômeno, mas à sofisticação e democratização de uma tecnologia que, há tempos, foi pensada de modo restrito para fins militares ou científicos.

Em caráter experimental, os autores deste artigo pediram ao ChatGPT, da OpenAI, na versão gratuita, 5.0, em 19 de agosto de 2025, uma definição de inteligência artificial, por

meio do seguinte *prompt*: “Qual a definição de IA?”. A resposta foi a seguinte:

[...] é a área da ciência da computação que desenvolve sistemas capazes de simular processos de inteligência humana, como aprender, raciocinar, tomar decisões e resolver problemas, permitindo que máquinas executem tarefas complexas de forma autônoma ou assistida (OpenAI, 2025, s.p.).

Contudo, a fim de evitar qualquer tipo de enviesamento, partiu-se da definição de IA da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). A entidade a entende como um conjunto de dados, *hardware* e conectividade que permite, às máquinas, imitarem a inteligência humana; como percepção, resolução de problemas, interação linguística ou criatividade (Unesco, 2022). Na contemporaneidade, com o refinamento da tecnologia presente na IA, um novo aspecto torna-se preponderante: o seu carácter generativo de conteúdo. Na visão de Timponi e Evangelista (2025), as novas ferramentas de IA generativas têm redefinido as práticas profissionais e epistemológicas.

Compreende-se a IAG como uma subárea da IA que se concentra na criação de sistemas capazes de simular a própria criatividade humana por meio da geração de imagens, sons, vídeos e textos (Santos; Figueiredo, 2024). Ressalta-se que o presente artigo não tem a intenção de adentrar em uma discussão conceitual relacionada à IA; mas sim o objetivo de analisar como esta ferramenta é utilizada por estudantes universitários em uma demanda acadêmica. Para tanto, utilizou-se de tais concepções para fundamentar a construção teórico-metodológica do artigo e balizar o experimento com os alunos.

Tal cenário contemporâneo da IA é marcado pelo refinamento cada vez mais sofisticado de sistemas e agentes inteligentes voltados à pesquisas avançadas, como a possibilidade de análise de grandes volumes de dados e a automatização de processos complexos de curadoria informacional (Timponi; Evangelista, 2025). As citadas argumentam que este contexto também significa uma mudança paradigmática, pois a transição da IAG, de um modelo reativo a uma função ativa na produção do conhecimento científico, redefine os limites da pesquisa acadêmica e impulsiona a inovação tecnológica (Timponi; Evangelista, 2025). Este ambiente, inevitavelmente, inclui estudantes da graduação que, além de já utilizarem a IA no cotidiano para atividades acadêmicas, também fazem parte do processo de produção de conhecimento no ambiente universitário.

É neste cenário que a Unesco também publicou, em 2024, o “AI Competency Framework for Teachers” (AI CFT). O objetivo do documento é orientar professores acerca do uso e uso indevido da IA na educação, de modo definir o conhecimento, as habilidades e os valores que docentes devem dominar na era da IA (Miao; Cukurova, 2024). No mesmo ano, a Unesco realizou uma nova publicação semelhante, mas voltada a estudantes (Miao; Shiohira; Lao, 2024). Ambos reforçam a necessidade de um uso eticamente orientado da IA na educação, ao utilizar uma abordagem desta tecnologia centrada no ser humano. Assim como qualquer tecnologia, a IA por si só, é amoral, em que pese seja fruto de uma série de relações de poderes e interesses de várias naturezas. Porém, uma vez criada, o valor moral e a utilização ética da ferramenta é dada convencionalmente pelo agente humano.

Justamente por isso as discussões acerca dos processos de letramento para o uso da IAG aparecem como uma alternativa de fundamental relevância para formar estudantes e profissionais mais críticos e atentos quanto à utilização dessas ferramentas. Em 2022 a própria Unesco produziu o documento “AI literacy: competencies and design considerations”. A publicação prioriza uma formação centrada em IA e diz respeito a temas como processamento informacional, pensamento computacional e aprendizagem digital, ao refletir sobre os riscos éticos e vulnerabilidades relacionadas ao o uso de tais ferramentas (Timponi; Evangelista, 2025).

Para Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024) a utilização da IAG para fins acadêmicos demanda uma reflexão constante sobre as implicações éticas a partir do potencial impacto social dos resultados obtidos ou mesmo nos participantes em determinados estudos. Dessa forma, os autores destacam a importância de as universidades normatizarem diretrizes para seus estudantes e professores. Conforme ressaltam estes autores, instituições brasileiras de educação, como a Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o Senai Cimatec, na Bahia, já o fizeram. As diretrizes versam acerca de normativas e recomendações a professores para que se tornem agentes de disseminação do uso eticamente orientado da IAG para alunos e jovens pesquisadores (Alves, 2023; Fonseca e Campiglia, 2023; Unesco, 2023; União Europeia, 2024 *apud* Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024).

No que concerne à noção de letramento em IA, Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024)



afirmam existir quatro dimensões que permitem definir, ensinar e avaliar este tipo de letramento: conhecer e compreender; usar e aplicar; avaliar e criar; abordagem de questões éticas. Especificamente,

Este processo formativo fundamenta-se em competências essenciais que se complementam e se reforçam mutuamente. O conhecimento técnico proporciona a compreensão dos princípios básicos de IA, incluindo seus algoritmos e arquiteturas, enquanto as habilidades práticas permitem a aplicação efetiva dessas ferramentas em pesquisas concretas. Já o pensamento crítico e a postura ética possibilitam a avaliação das limitações, vieses e implicações sociais da tecnologia. Finalmente, a compreensão contextual permite adaptar o uso da IA a diferentes campos de pesquisa, e a capacidade de colaboração humano-IA otimiza a integração entre recursos tecnológicos e expertise humana (Ray, 2023) (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024, p. 26).

Assim, este trabalho compreende a noção de letramento em IA como a capacidade do uso eticamente orientado de ferramentas de inteligência artificial, transparência quanto ao uso e o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre as potencialidades, limitações e riscos de tal tecnologia para diferentes tarefas do dia a dia.

Casos como o do fotógrafo alemão Boris Eldagsen, que rejeitou um prêmio após revelar que uma de suas fotografias foi gerada por IA (Kolirin, 2023), ou mesmo a polêmica envolvendo o Studio Ghibli (Amanda, 2025) sobre a apropriação de estilo criativo, são exemplos de como o uso ético da IA são desafios ainda a serem enfrentados. Do mesmo modo, a alta taxa de alucinação que as versões 3.0 e 4.0<sup>3</sup> do ChatGPT possuíam: chegavam a quase 48%, conforme o Person QA (La Nacion, 2025). O grande problema que se apresenta é que muitas pessoas sequer questionam as informações – vide números na introdução deste trabalho – apresentadas por tais ferramentas.

O artigo defende que, se usada de maneira correta, a IAG pode se tornar em uma grande aliada para tarefas pessoas e/ou profissionais. Foi esta, inclusive, a promessa inicial das primeiras *big techs* que projetaram a tecnologia tal como é hoje: de que as ferramentas de IA ajudariam as pessoas a economizar tempo em tarefas mecânicas para voltar suas atenções para tarefas que exigem mais trabalho cognitivo ou criativo.

---

<sup>3</sup> Até a escrita deste trabalho (setembro de 2025), a versão 5.0 do ChatGPT conseguiu reduzir a taxa de alucinações em 45%. Disponível em: <https://gazzconecta.com.br/gazz-conecta/chat-gpt-5-tem-reducao-de-alucinacoes-em-45-e-trabalha-sozinho/>. Acesso em: 8 ago. 2025.

Kaufman (2022) afirma que a utilização de IA para fins pedagógicos em sala de aula necessita de orientações éticas explícitas na relação aluno x professor. Aqui, novamente, cabe a reivindicação da Unesco para uma abordagem que traga o ser humano para o centro da questão. Esta estratégia metodológica garante que a IA seja utilizada para promover a equidade e a inclusão no sistema educacional (Valério; Santos Filho, 2024).

Proibir o uso apenas vai incentivar a utilização velada. Por isso, desenvolver práticas de letramento com foco em IA é de fundamental relevância para formar estudantes e profissionais mais críticos e céticos quanto à presença social cada vez mais calma desta tecnologia.

### **3 MÉTODO**

Conforme Yin (2014), o estudo de caso é uma investigação de natureza empírica que se debruça a compreender um fenômeno contemporâneo inserido em um contexto social específico, principalmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Para Severino (2016) pesquisas exploratórias são adequadas para identificar manifestações de um determinado fenômeno a fim de melhor precisá-lo. Mattar (1999) conclui ao dizer que a realização de pesquisas exploratórias pode se dar por meio de diferentes fontes, como estudos de casos, levantamento bibliográfico e observação informal. Como o objetivo deste trabalho foi avaliar, por meio de uma experiência pedagógica, a maneira que estudantes de duas turmas de Comunicação utilizam IA em um trabalho acadêmico e qual o impacto na criatividade e autoria, esta pesquisa é caracterizada como um estudo de caso de natureza exploratória.

A atividade foi desenvolvida dentro da disciplina Comunicação e Conjuntura Internacional, lecionada por um dos autores, em uma universidade privada de Belo Horizonte. Participaram do experimento duas turmas: uma de Publicidade e Propaganda e outra de Jornalismo, que reuniram 53 estudantes em períodos finais dos cursos. Portanto, jovens adultos, com média de idade de 21 anos, já com um conhecimento de quase graduados. No total, participaram 18 grupos – nove de cada curso, divididos entre os estudantes participantes. A atividade consistiu em uma revisão de meio de semestre relacionada às temáticas até então abordadas, quando cada grupo escolheu um pequeno país (até 500 mil

km<sup>2</sup> e U\$ 6.000 per capita anual), buscando fugir dos mais conhecidos e apresentando diferentes nações aos estudantes. O resultado desse levantamento aqui não importa, mas sim a introdução da IA como instrumento de produção do trabalho em todos os seus aspectos.

Sabe-se que a universidade ainda tem receios justificáveis quanto à utilização de IA, mas também de sua inevitabilidade, assim como tentativas de restrição, tanto com solicitação do seu não uso quanto com ameaças de desqualificação, ainda alertando – quando não ameaçando – para o uso de mecanismos de detecção de textos produzidos por IA (Candido; Barbosa, 2024). Assim, a novidade foi a autorização irrestrita, incluindo o incentivo, da ferramenta para a atividade, deixando bem claro que o uso – mesmo que intensivo – em nada iria afetar a nota. A única solicitação foi que, ao final das apresentações em seminários na sala de aula, o grupo preenchesse o quadro da Figura 1, para que o docente e os colegas pudessem ter uma noção do uso da IA. Após as apresentações, pequenos depoimentos de como utilizaram e como se sentiram ao fazê-lo também foram coletados. Como os trabalhos da turma de Jornalismo não exigiam a criação de peças, esta categoria foi excluída para ela.

Figura 1 - Modelo do quadro utilizado para a confecção do trabalho

Uso de IA	Não usamos	É menos de 50%	Uma média de 50%	Está acima de 50%	Usamos muito
Pesquisa					
Produção do Texto					
Produção das Peças					
Produção Final					

Fonte: Elaboração própria (2025).

Os resultados foram analisados em dois eixos. O primeiro se refere aos critérios utilizados para identificar o tipo de uso de IA acionado, descritos na Figura 1, além da percepção dos estudantes acerca da quantidade mensurada de IA utilizada em cada etapa de produção dos trabalhos. Em “Pesquisa”, entende-se o uso de ferramentas de IA para o levantamento de informações e dados que subsidiaram a elaboração do trabalho final. Por “Produção do Texto”, tudo o que foi escrito nos slides apresentados no seminário, bem como

o relatório entregue para fins avaliativos da disciplina. A “Produção de Peças” foi exclusividade da turma de Publicidade e Propaganda que, necessariamente, precisou passar por esta etapa, pois o produto final foram peças promocionais. No caso da turma de Jornalismo o produto final foi uma reportagem escrita e ilustrada. A “Produção Final” diz respeito a todos os procedimentos realizados e finalizados, como a apresentação do seminário e escrita do relatório.

O outro eixo de análise foi norteado pelas premissas da análise de conteúdo (Bardin, 2006) e da observação participante (May, 2001). Conforme Caregnato e Mutti (2006) a análise de conteúdo pode ser utilizada em investigações de caráter quantitativo ou qualitativo. Bardin (2006) afirma este método deve ser estruturado em três etapas: a) pré-análise: quando o tema a ser investigado é delimitado e o material a ser analisado é selecionado; b) exploração do material: quando são feitas categorizações sobre o que foi obtido na fase anterior; c) tratamento dos resultados e interpretação: momento em que os dados são interpretados conforme os objetivos do estudo.

No caso desta pesquisa a pré-análise foi realizada por meio da observação participante que, conforme May (2001), é o processo no qual um investigador estabelece uma relação multilateral com o grupo estudado a fim de desenvolver um entendimento científico a partir dele. A observação participante (pré-análise) ocorreu na apresentação dos seminários de cada grupo e em discussões relacionadas ao uso de IA nos trabalhos após a realização dos seminários. A exploração do material e a interpretação dos dados aconteceram a partir da análise dos relatórios entregues pelos estudantes. Foi com base nos relatórios e na análise dos quadros preenchidos por cada grupo (Figura 1) que os autores sistematizaram os resultados presentes nas figuras apresentadas adiante.

A atividade, no entanto, não foi feita sem uma fase preparatória – o que foi fundamental para inserir práticas de letramento no experimento. Compreendemos letramento a partir de Soares (2010), que se refere a ele como a capacidade do uso social de conhecimentos adquiridos e, de maneira mais específica no âmbito deste trabalho, quanto ao letramento em IA. Assim, a temática da aula “A inteligência artificial e o poder das *big techs*”, um fenômeno mundial e, portanto, pertinente à disciplina, serviu como uma ação experimental de letramento. Foram realizadas aulas expositivas sobre conceitos e noções

teóricas e empíricas contemporâneas da IA com participação espontânea e ativa dos alunos, que contribuíram com exemplos de seus próprios usos. A Figura 2 exemplifica um dos slides usados nessas aulas.

Figura 2 - Slide de aula sobre letramento em IA



O perigo real não é que a IA seja mais inteligente que os humanos, mas supor que ela seja e confiar mais nela para tomada de decisões

As técnicas atuais de IA:

- Percepção
- Análise de texto
- PNL ( processamento de linguagem natural)
- Raciocínio lógico
- Sistemas de apoio à decisão
- Análise de dados
- Análise preditiva
- Geram seu conhecimento a partir de extração de padrões de dados (*machine learning* e etc...)
- Detecção de padrões “invisíveis” na *big data*

Limitações atuais:

- Requer grandes quantidades de dados de qualidade
- *Hardware* com grande capacidade de processamento
- Energia, água e CO2
- Resultados discriminatórios

Fonte: Dora Kaufman – Desmistificando a Inteligência Artificial – Ed. Autêntica

Fonte: Elaboração própria (2025) a partir de Kaufmam (2022).

Nessas aulas foram inclusas questões pertinentes como a própria PNL, mas também:

- a) Conceitos de IA, como preditiva e generativa;
- b) Questões éticas como direitos autorais no abastecimento dessas ferramentas;
- c) Amplas limitações do seu uso técnico por conta de fenômenos discriminatórios de raça, gênero, culturas, partes da história humana, prejuízos para direitos humanos.

Sobre o último item, há inúmeros estudos nesse sentido e Kaufman (2022) traz um apanhado em suas obras, alertando, inclusive, para uma pesquisa da Unesco em parceria com o governo da Alemanha e a EQUALS Skills Coalition (parte da EQUALS Global Partnership) que visou a capacitação de meninas e mulheres para a tecnologia. Por exemplo, algo inusitado e que raramente é levado em conta, é a não coincidência de que todas as vozes, assim como nomes, das assistentes virtuais serem femininas. E que tal opção, aparentemente simples e que teria como objetivo apenas a agradabilidade para quem ouve, possui um aspecto altamente temerário e capaz de “influenciar a interações com mulheres reais” (Kaufman,

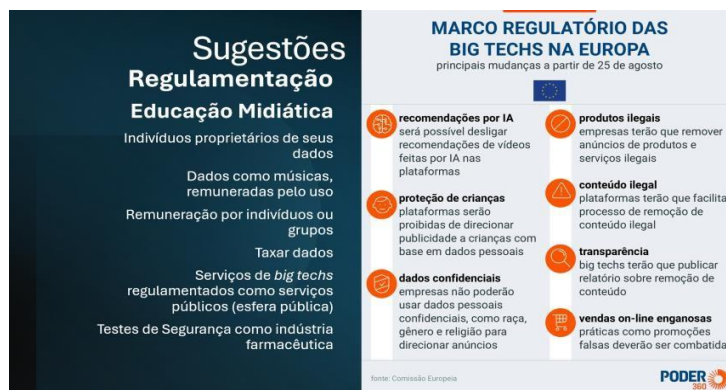
2022, p. 116-117).

Como a fala da maioria das assistentes de voz é feminina, isso envia um sinal de que as mulheres são ajudantes prestativas, dóceis e ansiosas por agradar, disponíveis ao toque de um botão ou a um comando de voz direto como 'Hey' ou 'OK'. [...]. Quanto mais essa cultura ensinar as pessoas a igualarem as mulheres às assistentes, mais mulheres reais serão vistas como assistentes – e penalizadas por não serem como as assistentes (Unesco, 2019, *apud*, Kaufman, 2022, p. 116-117).

Outras temáticas também foram tratadas nessa aula são apresentadas a seguir, assim como um dos slides, ilustrado pela Figura 3:

- a) A transformação da IA em tecnologia calma;
- b) Impactos sustentáveis do uso de IA;
- c) Seu papel na polarização mundial e no estabelecimento de novas áreas e países de influência tecnológica;
- d) O impacto da empregabilidade;
- e) As limitações do entendimento dos próprios programadores de como as IAs têm funcionado;
- f) Seu uso como ferramenta para crimes cibernéticos, como manipulação de eleições, fraudes e desinformação;
- g) A base da legislação europeia, que tem servido de minuta para outros países, incluindo o Brasil;
- h) O capitalismo de vigilância (Zuboff, 2020);
- i) O interesse das grandes empresas de algoritmos pelo o uso de IA, com ferramentas cada vez mais treinadas e aperfeiçoadas pela interação dos usuários, em uma dinâmica que cria poderosas barreiras para novos concorrentes e uma “bolha” de assuntos e visões limitadas por elas;
- j) O uso na militância política em favor de grupos minoritários ou socialmente excluídos;
- k) A ênfase em educação midiática como parte fundamental do letramento e a educação como um todo.

Figura 3 - Slide da aula sobre letramento em IA



Fonte: Elaboração própria e Poder 360 (2025), disponível em: [https://static.poder360.com.br/2023/08/marcos-regulatorios-big-techs-drive-28-ago-2023\\_page-0001-939x1024.jpg](https://static.poder360.com.br/2023/08/marcos-regulatorios-big-techs-drive-28-ago-2023_page-0001-939x1024.jpg). Acesso em: 5 ago. 2025.

Ressalta-se que tal preocupação em entender a IA, além dos seus aspectos operacionais, já pontua debates bem desenvolvidos, em especial em blocos de países que veem a tecnologia a partir de oportunidades e ameaças ao bem-estar da população. A Unesco, publicou, em 2021, recomendações sobre a ética da IA, sendo esta a tentativa de um primeiro padrão global aplicável aos 194 Estados-Membros (Unesco, 2022). Da mesma maneira, o Pacto Digital Global (ONU, 2024), organizado e assinado pelos 193 países da Organização das Nações Unidas. O documento propõe uma estrutura global de cooperação digital que tem como prioridade a governança da IA, tanto no uso internacional de dados como seu uso para a humanidade, clamando a ciência para abastecer um diálogo relativamente a políticas de IA. Tais referências também fizeram parte das aulas citadas.

Assim, o conjunto da experimentação foram: a) as aulas sobre IA, como ação de letramento e b) a produção dos seminários pelos estudantes, sendo que os de Publicidade e Propaganda apresentaram uma campanha de esclarecimento sobre as temáticas da disciplina para e acerca dos países escolhidos e, os de Jornalismo, uma reportagem escrita e ilustrada, em referência ao objeto de estudo, totalizando nove grupos do curso de Jornalismo e nove grupos de Publicidade e Propaganda.

#### 4 RESULTADOS

Os resultados foram analisados com base nas apresentações dos seminários e da interação com os estudantes, por meio da observação participante (May, 2001), além dos relatórios entregues por cada grupo à luz da análise de conteúdo (Bardin, 2006). As Figuras 4

e 5 mostram a sistematização dos resultados, a partir dos quais se intuem as impressões apresentadas a seguir. Cada número indica a quantidade de grupos que usou IA para as tarefas especificadas. O modelo de quadro aqui apresentado é o mesmo preenchido pelos estudantes e entregue nos relatórios.

Figura 4 - Uso pelos grupos de Publicidade e Propaganda

Uso de IA	Não usamos	É menos de 50%	Uma média de 50%	Está acima de 50%	Usamos muito
Pesquisa	1	1	3	2	2
Produção do texto		2	1	3	3
Produção das peças	1	3	3	1	1
Produção final	3		4	2	

Fonte: Elaboração própria (2025).

Figura 5 - Uso pelos grupos de Jornalismo

Uso de IA	Não usamos	É menos de 50%	Uma média de 50%	Está acima de 50%	Usamos muito
Pesquisa	1	1	3	3	
Produção do texto		1	4	3	1
Produção final	4	1	1	1	2

Fonte: Elaboração própria (2025)

Intuiu-se, a partir dos dados sistematizados por meio da categorização e da análise dos relatórios, que houve uma melhor visibilidade a respeito dos modos de utilização de IA na produção dos trabalhos. Intui-se porque não há maior profundidade acerca de aspectos mais elaborados das manifestações dos estudantes, pois não houve uma pesquisa qualitativa neste sentido. A análise, para além dos dados presentes nos quadros, foi feita em articulação com pequenos depoimentos testemunhais após as apresentações dos seminários.

Observou-se que, quando incentivados, os estudantes não têm receio de afirmar o uso de IA. Também não se envergonham de dividir autoria, o que é uma quebra de paradigma com gerações anteriores. Evidentemente, refere-se a obras impessoais, de grupo, com fins acadêmicos e de trabalho. Mas, levando-se em conta que boa parte de sua produção



profissional será nestes termos, o compartilhamento de autoria produtiva pode ser um grande facilitador, embora também possa ser um desincentivo à criatividade. O que por sinal, não seria diferente dos atuais ambientes laborais, mesmo sem IA, já que esta ferramenta tem sido apropriada também como uma alternativa capaz de maximizar, por meio de ideias ou referências, o processo criativo humano. Portanto, é uma oportunidade de aproximação entre docentes e discentes para atividades colaborativas e debates relacionadas ao seu uso.

Não houve um uso massivo da IA, mas uma utilização equilibrada entre os jovens. Aqueles que usam muito não o fazem em excesso e há uma dispersão de sua utilização nas etapas de elaboração de projetos. Uma das declarações obtidas em sala de aula ilustra esta ideia: “Eu uso uma mais em uma parte que eu tenho mais dificuldade, mas em outra eu prefiro a mim mesmo”.

A parte final da produção, tanto no caso dos estudantes de Jornalismo (reportagem) como nos de Publicidade (peças promocionais), deu a eles o desejo de terem uma “assinatura”, algo pessoal, ou pelo menos, em grande parte. A média de 50% de uso de IA, no caso da produção de texto, assim como na produção final dos publicitários, não se trata de uma terceirização da criatividade. Na realidade, é o contrário, pois delega, à ferramenta, o trabalho mais braçal – como correção ortográfica, se necessária, organização de texto, escolhas de imagens e diagramação – e deixa para eles a escolha, a apuração e o esmerilhamento das peças; impressão corroborada com o relato dos próprios estudantes. É importante lembrar que tais atividades mais laborais terceirizadas já eram realizadas antes mesmo da popularização das IAGs, com o uso dos sites de buscas e, olhando para trás, em toda tecnologia que diminui o esforço braçal humano para abrir espaço para o uso do intelecto.

Quando perguntados como eles se sentiram usando a Inteligência Artificial, o testemunho da maioria pode ser resumido como: “Nós usamos para resolver um problema que o grupo encontrava – pesquisa difícil, informações de países desconhecidos; produção de peças que não tinham domínio operacional; produção do texto rapidamente uma vez que o prazo dado foi propositalmente curto –, mas a gente queria fazer as coisas do nosso jeito nessa parte específica”.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho reconhece as limitações metodológicas alcançadas, mas também ressalta a potencialidade que o diagnóstico trazido pode ter para futuras investigações que se debruçarão a respeito do tema. Refere-se a duas turmas apenas, e muitas específicas. Além disso, seria preciso conversar mais com os estudantes, entender melhor cada uma das etapas realizadas e o que efetivamente aconteceu ao longo da produção dos projetos com uso de IA.

Quanto às aulas introdutórias, é possível afirmar que ajudaram na produção tanto dos trabalhos como no registro das atividades, de modo a possibilitar o desenvolvimento de metodologias capazes de avaliar o impacto desse tipo de formação. Havendo mais tempo – e não fosse outro o escopo da disciplina onde foi realizado o experimento – estaria um campo ideal para um grupo focal. Ajudaria, inclusive, a compreender a percepção deles acerca da IA ser, de fato, uma ferramenta de apoio e não uma finalizadora ou mesmo elaboradora de suas atividades e pensamentos.

Há também dados preocupantes, pois o peso na pesquisa do uso de IA se mostrou grande em todos os grupos, embora os pesquisadores esperassem ainda mais, dado o curto espaço de tempo para a atividade – pela prática recorrente em sites de busca sem IAG. Não foi pretensão do experimento diagnosticar quais ferramentas de IA foram mais utilizadas, mas em pesquisas com abordagens qualitativas isso também pode ser explicitado e problematizado.

Essa, inclusive, deve ser uma prioridade em práticas de letramento: a de mostrar que a pesquisa pela IA é diferente das tradicionais nos sites de busca. Estes que oferecem páginas e opções de investigação – mesmo que se saiba serem atravessadas por interesses comerciais das próprias plataformas, que já oferecem uma resposta gerada por IA no topo dos resultados recuperados em qualquer tipo de busca.

As IAs oferecem respostas prontas, o que dá a impressão de uma única resposta. É preciso saber de onde elas vêm e como se deu sua sintetização, bem como oferecer opções relacionadas ao seu próprio questionamento enquanto resposta definitiva – apenas discretos cliques com referências não ajudam muito, colocando os usuários em um lugar de vulnerabilidade ao considerar as altas taxas de alucinação de tais ferramentas.

Mas a investigação também comprovou que os jovens estão abertos a questionar,

suspeitar das IAs, mesmo que não abrindo mão de usá-las. Nesse sentido, ainda é atual, e funciona até como profético, o que Weiser e Brown (1996), no século passado, quando a internet comercial engatinhava e engatilhava, previram – atenção aos grifos dos autores e à sua contemporaneidade:

Parece contraditório dizer, diante de **queixas frequentes sobre sobrecarga de informações**, que mais informações poderiam nos acalmar. Parece quase absurdo dizer que a maneira de se tornar sintonizado com mais informações é ficarmos menos atentos a ela. São essas características aparentemente bizarras que podem explicar por que tão poucos projetos levam em conta o centro e a periferia [da atenção] para alcançar uma maior sensação de localização. Mas tais projetos são cruciais à medida que avançamos para a era da **computação ubíqua**. Ao aprendermos a projetar tecnologia calma, enriqueceremos não apenas nosso espaço de artefatos, mas também nossas oportunidades para estar com outras pessoas. **Quando nosso mundo estiver cheio de computadores interconectados e embutidos**, a tecnologia calma desempenhará um papel central em um século XXI mais humanamente capacitado (Weiser; Brown, 1996).

Os adultos podem estar reativos, mas os jovens já transformam a IA em uma tecnologia calma. Cabe à academia, professores e pesquisadores, portanto, ajudá-los a torná-la tão socialmente relevante e útil em suas vidas como os antepassados fizeram com a energia elétrica, sem se chocarem com isso. O desenvolvimento de habilidades críticas voltadas ao uso da IA pode oferecer contributos relevantes para esta finalidade.

Esta possibilidade pode ocorrer a partir da implementação de tais preocupações no campo de estudos que se debruçam ao letramento midiático. Ou, então, a criação de um novo campo, a partir dos preceitos teóricos-metodológicos de estudos sobre letramento midiático, voltado especificamente para o uso da IA. A IAG faz parte de mais uma das transformações sociotécnicas da contemporaneidade e evitá-la em sua utilização social, sob todos os possíveis aspectos, apenas incentivará o uso velado desta tecnologia. Do mesmo modo, excluirá os potenciais benefícios que o seu uso poderá trazer para a prática profissional e, eventualmente, para a própria produção de conhecimento. Assim, torna-se necessário o fortalecimento da articulação entre estudos e políticas públicas a fim de contribuir com a formação ética e criativa de comunicadores e/ou profissionais de outras áreas.

A pesquisa contribui para a discussão relacionada ao papel do letramento em IA, contemplando também as dimensões da IAG, no ensino superior, principalmente no que se refere à articulação com a formação em Comunicação e o desenvolvimento de habilidades

críticas quanto à autoria e criatividade. Além disso, colabora com os debates relacionados à importância de preparar comunicadores para uso consciente e ético da ferramenta e a necessidade de elaborações de diretrizes institucionais para esta finalidade, tanto para a prática docente quanto para a discente no processo de ensino-aprendizado.

## REFERÊNCIAS

ABMES; E. I. Inteligência Artificial na Educação Superior. Brasília: ABMES; 2024. Disponível em: [https://abmes.org.br/arquivos/pesquisas/ABMES\\_IA\\_NA\\_EDUCACAO\\_SUPERIOR.pdf](https://abmes.org.br/arquivos/pesquisas/ABMES_IA_NA_EDUCACAO_SUPERIOR.pdf). Acesso em: 1 dez. 2025.

ALBUQUERQUE, F. Brasil está entre os países que mais usam inteligência artificial. **Agência Brasil**, São Paulo, 16 jan. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-01/brasil-esta-entre-os-paises-que-mais-usam-inteligencia-artificial>. Acesso em: 3 out. 2025.

AMANDA. Studio Ghibli vs. IA: por que não usar imagens no “estilo Ghibli”. **Studio Ghibli Brasil**, [s. l.], 2 abr. 2025. Disponível em: <https://studioghibli.com.br/2025/04/02/studio-ghibli-vs-ia-porque-nao-usar-imagens-no-estilo-ghibli/?srsltid=AfmBOoqw5NI6opE8LjhirbJtfgB4Ez4fDmSLhfn-042SOKIxDLRQVde4>. Acesso em: 3 out. 2025.

BARBOSA, X. C; BEZERRA, R. F. Breve introdução à história da inteligência artificial. **Jamaxi**, Rio Branco, v. 4, n. 1, p. 90-97, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/4730>. Acesso em: 11 set. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **IA para o bem de todos**: proposta de plano brasileiro de inteligência artificial 2024-2028. Brasília: MCTI, 2024. Disponível em: [https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2024/07/plano-brasileiro-de-ia-tera-supercomputador-e-investimento-de-r-23-bilhoes-em-quatro-anos/ia\\_para\\_o\\_bem\\_de\\_todos.pdf/@download/file](https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2024/07/plano-brasileiro-de-ia-tera-supercomputador-e-investimento-de-r-23-bilhoes-em-quatro-anos/ia_para_o_bem_de_todos.pdf/@download/file). Acesso em: 3 out. 2025.

CANDIDO, L. S.; BARBOSA, Christian A. de Melo; COSTA, Esdras J. H. Análise de ferramentas para detecção de textos científicos gerados por Inteligência artificial (ChatGPT). In: WORKSHOP SOBRE AS IMPLICAÇÕES DA COMPUTAÇÃO NA SOCIEDADE (WICS), 5., 2024, Brasília. p. 145-152. **Anais eletrônicos** [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wics/article/view/35937>. Acesso em: 8 ago. 2025.

CAREGNATO, R. C. A. MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006. DOI 10.1590/S0104-07072006000400017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFctbZDZHgNP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; SANTANA, Paulo Henrique Basílio; SIMÕES, Paula Guimarães; OLIVEIRA, Ana Karina de Carvalho; LOPES, Suzana Cunha; BARROSO, Livia; SEPULVEDA ALVES, Lucas Afonso; AFONSO, Maria Lúcia; CHAGAS MOURA CAMPOS, Maíra Lobato Bicalho; LIMA, Laura Antônio. Comunicação e sociabilidade: perspectivas no campo da comunicação. **Galáxia**, São Paulo, v. 44, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/44989>. Acesso em: 5 ago. 2025.

HAN, B.C. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022.

KAUFMAN, D. **Desmistificando a inteligência artificial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

KOLIRIN, L. Artista rejeita prêmio de fotografia após imagem gerada por IA ganhar competição. **CNN Brasil**, [s. l.], 19 abr. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/artista-rejeita-premio-de-fotografia-apos-imagem-gerada-por-ia-ganhar-competicao/>. Acesso em: 3 out. 2023.

LA NACION. Alerta na OpenAI: os novos modelos o3 e o4-mini do ChatGPT alucinam mais que seus antecessores. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 abr. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2025/04/22/alerta-na-openai-os-novos-modelos-o3-e-o4-mini-do-chatgpt-alucinam-mais-que-seus-antecessores.ghtml>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**: metodologia e planejamento. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. v. 1.

MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MIAO, F.; CUKUROVA, M. **AI Competency Framework for Teachers**. Paris: Unesco, 2024. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/ai-competency-framework-teachers>. Acesso em: 3 out. 2025.

MIAO, F.; SHIOHIRA, K.; LAO, N. **AI Competency Framework for Students**. Paris: Unesco, 2024. Disponível em: <https://dataviz.unesco.org/en/articles/ai-competency-framework-students>. Acesso em: 3 out. 2025.

ONU. **Pacto digital global**: compromisso internacional para um futuro digital aberto, livre e seguro. Nova Iorque: ONU, 2024. Disponível em: <https://www.un.org/global-digital-compact/en>. Acesso em: 17 nov. 2025.

OPENAI. **ChatGPT**. Versão gratuita 5.0. São Francisco: OpenAI, 2024. Disponível em: <https://chat.openai.com/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

RUSSELL, Stuart J.; NORVIG, Peter. **Artificial Intelligence: A Modern Approach**. 3. ed. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2009.

SAMPAIO, R. C. SABBATINI, M.; LIMONGI, R. **Diretrizes para o uso ético e responsável da inteligência artificial generativa**: um guia prático para pesquisadores. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2024. *E-book*. Disponível em: <https://portcom.intercom.org.br/ebooks/detalheEbook.php?id=57203>. Acesso em: 5 mai. 2025.

SANTOS, M. C.; FIGUEIREDO, M. A. Utilização de inteligência artificial generativa no jornalismo: possibilidades e desafios. **Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 18, n. 2, p. 27-42, maio/ago. 2024. DOI 10.22409/rmc.v18i2.62870. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/62870>. Acesso em: 07 jul. 2025.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TAULI, Tom. **Introdução à inteligência artificial**: uma abordagem não técnica. São Paulo: Novatec Editora, 2020.

TIMPONI, R.; L. EVANGELISTA, R. Letramento midiático, algorítmico e inteligência artificial: o papel dos agentes inteligentes na curadoria da pesquisa acadêmica. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 110-132, 2025. DOI 10.29146/eco-ps.v28i1.28452. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/28452/15532](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28452/15532). Acesso em: 7 jul. 2025.

TOKARNIA, M. Sete a cada dez estudantes usam IA na rotina de estudos. **Agência Brasil**, Brasília, 6 ago. 2024. Educação. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2024-08/sete-cada-dez-estudantes-usam-ia-na-rotina-de-estudos>. Acesso em: 3 out. 2025.

UNESCO. **Recomendação sobre a ética da inteligência artificial**. [S. l.]: Unesco, 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381137>. Acesso em: 17 nov. 2025.

VALÉRIO, E.; SANTOS FILHO, J. M. dos. Letramento em inteligência artificial: uma reflexão a partir do guia da Unesco sobre competências em IA para professores. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 13, 2024. DOI 10.5281/zenodo.13846728. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/letramento-em-inteligencia-artificial-uma-reflexao-a-partir-do-guia-da-unesco-sobre-competencias-em-ia-para-professores>. Acesso em: 7 jul. 2025.

WEISER, Mark; BROWN, John Seely. **The Coming Age of Calm Technology**. [S. l.: s. n.], 1996. Disponível em: <https://calmtech.com/papers/coming-age-calm-technology>. Acesso em: 17 nov. 2025.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2014.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

**Histórico do artigo:**

Submetido: 11 set. 2025 | Aceito: 18 nov. 2025 | Publicado: 10 dez. 2025.